

12/08/2019

Futuro do Trabalho: a tornozeleira laboral (Parte IV)

Francisco Lacaz

[Doutor em Medicina. Professor Titular Sênior da
Escola Paulista de Medicina da UNIFESP]

Há alguns anos foi noticiado que o sindicato dos trabalhadores metalúrgicos, alemão, o DGB, firmou acordo com a Volkswagen para controlar o uso dos *smartphones blackberry* que eram usados para controlar os trabalhadores na sede alemã da empresa. Pelo acordo, os aparelhos somente poderiam ser ligados uma hora após o início da jornada de trabalho e seriam desligados uma hora antes do seu término. A negociação foi empreendida pelo fato de que o uso dos *smartphones* pautava a vida dos trabalhadores durante todo o tempo, inclusive no seu horário livre. Pelo que veremos a seguir nos EUA, hoje, a situação é bem diferente e a ação sindical está fora de cogitação e não faz parte da pauta. É o que a crônica publicada no jornal Folha de São Paulo, edição do dia 31/07/2019, de autoria de Marcelo Coelho intitulada “No futuro, todos irão usar tornozeleira”, nos informa ao falar sobre palestra (que pode ser vista no YouTube), do professor Stephen Mattingly da Universidade Notre Dame. Nela o professor discorre com grande entusiasmo sobre o “Projeto Tesseract” o qual foi “[...] desenvolvido por professores de oito universidades americanas”. Trata-se, em teoria, de um instrumento que avalia “[...] com mais objetividade o desempenho de um funcionário”. Funciona assim: o trabalhador recebe um “[...] emissor eletrônico, (...) uma pulseirinha eletrônica, e deverá usá-la 24 horas por dia. (...) esta[rá] conectado a duas centrais de *bluetooth*, uma no escritório, outra na casa dele”. Com tal geringonça a empresa vai obter informações sobre o “[...] sono, batimento cardíaco, pressão e mesmo aumentos no peso e no consumo de calorias”. Para recarregar a bateria o trabalhador terá a “[...] hora do banho, único momento (...) em que está autorizado a tirar a coisa do corpo”. Em complemento a isso deverá “[...] baixar um aplicativo no celular que envia à empresa todos os seus dados de navegação – o mesmo funciona no laptop”. Assim, será controlado tanto se trabalhar em casa ou não. “O comportamento dele no Facebook em outras redes sociais, como o LinkedIn, também é vigiado”. Não haverá mais improdutividade com perda de horas na internet, desculpas para faltas, alegação de dores de cabeça...

Após uma avaliação “criteriosa” possibilitada pelo instrumento, a empresa poderá avaliar se o empregado está muito estressado, concluindo que o “colaborador” “[...] não tem o perfil desejado para a função que exerce”. Para o cronista trata-se de algo que beira a uma “ficção científica barata”. Questionando se é possível que trabalhadores “[...] submetam-se a essa invasão de privacidade, a essa perfeita escravidão eletrônica”, ele indaga pertinentemente: “Será que as pessoas recrutadas não se sentem mal com esse monitoramento? (...) Como foi possível convencê-los a uma vigilância constante, durante meses?” Para o professor Mattingly, houve uma certa resistência ao “[...] projeto, em especial por questões de privacidade”. Mas agora está indo muito bem, pois ele relata que “[...] já foi testado em mais de 700 voluntários”. Mas, o que teria superado possíveis resistências? Dinheiro! Pela merreca de US\$ 25 na primeira semana, o que aumentava com o tempo dedicado ao projeto, “[...] muita gente se dispôs a colaborar...” E o autor suscita a seguinte nova indagação: “Será possível que iremos entrar numa nova etapa da servidão contemporânea?” Considerando o individualismo exacerbado que hoje impera nas relações sociais, ele mesmo responde: “As dívidas que todo mundo tem – (...) – já diminuem muito a capacidade de protestar, de entrar em greve, de mudar de vida”. E acrescenta que nos EUA a situação “[...] ainda é pior: anos depois de terem ganho o seu diploma, jovens adultos ainda estão enforcados com o financiamento da faculdade”. No Brasil, não está sendo reproduzida esta realidade com o Fies? Mas, as coisas não são tão ruins assim (!), pois outro autor do Projeto Tesseract, o professor Pino Audia, de New Hampshire, diz que o monitoramento pode trazer vantagens para o trabalhador. “Ficará mais fácil provar objetivamente que você é um bom empregado”, diz ele. Ademais, para os cânones do liberalismo, ninguém é obrigado a aderir. Mas, fica a dúvida, qual será o futuro do emprego de quem não aderir? No coração do liberalismo, os EUA, onde não há sindicatos, leis e onde impera a “[...] livre escolha do empregado nas suas relações com o empregador. (...), voltamos à escravidão”. O fato é que a tecnologia volta-se cada vez mais contra os trabalhadores. Será que tal realidade, no capitalismo globalizado vai ficar restrita aos EUA e sua “democracia liberal”? Pensando bem, não faltam entre nós exemplos de macaquices a imitar tudo o que vem do grande irmão do norte, não é mesmo? Ainda mais agora... ■■■

Referência: Coelho, Marcelo. No futuro, todos irão usar tornozeleira. Monitoramento eletrônico da saúde e do desempenho de funcionários nos EUA. *Folha de São Paulo*. Edição de 31/07/2019, p. C6.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.